



Geraldo Campos

Uma liderança ascendente na cidade que se formava

Reprodução do livro *A Epopéia da Construção de Brasília*



VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

O desejo de Maria de Lourdes Campos era simplesmente o de ter sua primeira filha perto da mãe, na cidade de Goiânia. Por isso, quando ela e o marido Geraldo Campos saíram do Rio de Janeiro, não imaginavam que estavam era trocando a Cidade Maravilhosa por Brasília. A vinda para cá foi acertada, em outubro de 1958, depois de um convite do assessor de Bernardo Sayão, Walter Valadares. “Ele me garantiu — e depois eu pude comprovar — que havia emprego para todos que estivessem dispostos a trabalhar na nova capital”, afirma Geraldo.

Assim que a família chegou a Brasília, marido e mulher foram trabalhar na Novacap. Ele, na sede da Cidade Livre, no setor de Agricultura, e ela na representação que ficava na Esplanada dos Ministérios, local ainda em construção, vale ressaltar. “Lembro até hoje da quantidade de poeira que vimos quando chegamos aqui. Além disso, me impressionei porque não havia asfalto em praticamente nenhuma avenida do Plano Piloto”, conta Geraldo. A primeira moradia do pioneiro aqui foi na casa de uma cunhada, que estava na cidade há pouco tempo. Mas, apesar do pouco tempo na capital, já havia conse-

guido uma das casas da Fundação da Casa Popular, na W3 Sul.

A falta de uma casa própria angustiava demais o jovem casal, que precisava de um estímulo para não voltar para o Rio de Janeiro. “Pouco mais de um mês depois, conseguimos uma casa na 713 Sul. Aí minha vida em Brasília melhorou e eu acabei mais animado e gostando da cidade”, conta Geraldo, que mora na mesma casa até hoje. Outro estímulo foi a

vinda da mãe e de outros irmãos de Maria de Lourdes para Brasília. “As pessoas eram amigas umas das outras, mas o apoio da família era importante para superarmos as dificuldades daquela época”, afirma. Até para trabalhar tinha que ter disposição, pois a falta de uma estrada asfaltada e a distância que separava o Plano Piloto da Cidade Livre dificultavam as coisas. “O jeito era ir de carona na carroceria de caminhões que pas-

savam. Estendíamos a mão como se fôssemos tomar um ônibus e embarcávamos”, lembra o pioneiro. Para a esposa, era mais fácil, pois para a Esplanada tinha condução da própria empresa.

Embora o ritmo das obras fosse intenso e muita coisa estivesse sendo construída ao mesmo tempo, havia quem não acreditasse que Brasília seria realmente inaugurada na data prevista. Era o caso de Geraldo. “No início

DEPOIS DE ALGUM TEMPO, AS VIAGENS PARA GOIÂNIA FORAM FACILITADAS PELO APARECIMENTO DAS JARDINEIRAS

desconfiei, mas com tantas obras iniciadas ao mesmo tempo e com trabalho sem parar, fui acreditando cada vez mais no cumprimento do prazo”, afirma Geraldo. O pioneiro aponta uma curiosidade na construção de Brasília

As dificuldades cotidianas não foram suficientes para amedrontar Brasília com a esposa em 1958 para trabalhar na Novacap

MESMO AFASTADO DOS CARGOS ELETIVOS, GERALDO É INCANSÁVEL NA DEFESA DA CIDADE QUE ESCOLHEU PARA VIVER



que chamou a atenção dele. “Quando uma cidade é construída, ela já vem com alguns valores trazidos pelos construtores. Mas Brasília tem uma importância sociológica muito grande exatamente por não ter esses valores definidos porque veio gente de todas as regiões brasileiras para a construção”, enaltece, com uma ponta de orgulho.

Veia política

No primeiro carnaval de Geraldo Campos na cidade, em 1959, a veia política desse sergipano envolvido com militância desde os 17 anos aflorou. Geraldo conta que o acampamento da construtora Pacheco Fernandes não liberou seus funcionários e eles resolveram fazer greve. A Guarda Especial de Brasília (GEB) foi acionada e, segundo o pioneiro, houve um “massacre”. Geraldo foi um dos encarregados da Novacap pela apuração no dia seguinte e desde então passou a ser visto pelos trabalhadores como uma liderança. “Ouvi depoimentos de pessoas e escrevi em telegramas que tiveram que ser passados para a imprensa e para o Rio de Janeiro via Goiânia”, lembra. Assim, Brasília acabava de ganhar um político atuante nas causas trabalhistas.

Para começar a carreira com o pé direito, Geraldo Campos venceu a primeira eleição que disputou na recém-inaugurada capital: a da presidência da Associação dos Trabalhadores da Novacap, onde ficou por quatro anos e liderou uma das primeiras greves vistas na cidade. Um dos primeiros atos do então presidente foi também um dos que mais encheu Geraldo de orgulho. Era 12

de outubro de 1960, data do último aniversário que Juscelino Kubitschek passaria na presidência da República, e Geraldo foi o encarregado de ler um discurso de agradecimento ao presidente.

“Foi realmente emocionante para mim porque Juscelino era uma pessoa brilhante. Meu discurso começava dizendo que o aniversário era dele, mas o presente era nosso”, lembra Geraldo, que guarda até hoje o exemplar do *Jornal DC—Brasília* — uma espécie de filial do *Diário Carioca* na capital, trazendo uma foto e uma reportagem sobre a homenagem. O presente a que o pioneiro se referia, além de Brasília propriamente dita, era o direito de comprar as casas da fundação. “Além disso, o medo de perdermos o emprego com a inauguração era muito grande e, naquele dia, Juscelino nos deu a estabilidade de que precisávamos”, lembra Geraldo, que também esteve à frente da comissão que conseguiu do presidente

“**LEMBRO ATÉ HOJE DA QUANTIDADE DE POEIRA QUE VIMOS QUANDO CHEGAMOS AQUI. ALÉM DISSO, ME IMPRESSIONEI PORQUE NÃO HAVIA ASFALTO EM PRATICAMENTE NENHUMA AVENIDA DO PLANO PILOTO**”

João Goulart a equiparação dos funcionários da Novacap com os servidores públicos.

Com a instalação do regime militar, Geraldo foi preso algumas vezes, mas isso não o desanimava. Tanto que em 1987, com a volta da democracia ao país, Geraldo foi o quarto deputado mais votado entre os oito eleitos pelo Distrito Federal para fazer parte da Assembléia Constituinte. “Na Câmara continuei defendendo o trabalhador e fui o relator do Regime Jurídico Único (RJU), que regeu os funcionários públicos por muito tempo”, orgulha-se o atual presidente de honra do PSDB local. Depois disso, o último ato político de Geraldo foi concorrer como vice na chapa de Maurício Correia nas primeiras eleições diretas para governador do Distrito Federal. Agora, Geraldo está afastado dos cargos eletivos, mas não se cansa de lutar pelo bem-estar da cidade. “Brasília é a cidade que escolhi para viver”, finaliza.

Raio X

Nome: Geraldo Campos
Idade: 78 anos
Origem: Rio de Janeiro
Ano de chegada a Brasília: 1958
Profissão: Advogado
Esposa: Maria de Lourdes (falecida)
Filha: Vivian
Neto: Pedro